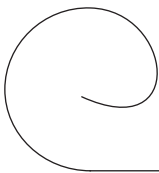


GERALDO ROCHA

O MIRANTE
DA MONTANHA


SÃO PAULO, 2019



Prólogo

Fernando estava em pé no portal dos fundos da antiga casa, de onde podia vislumbrar todo o horizonte a sua frente. O terreno tinha um desnível em relação à rua e a casa ficava num plano mais alto do que o quintal. À tarde, uma paisagem deslumbrante emoldurava o local, trazendo um sol carregado de vermelho e uma sensação que era ao mesmo tempo de paz e de angústia.

Uma nuvem se deslocava como se fosse uma nave, outras faziam diversos desenhos no horizonte, enquanto o vermelho do sol pairava sobre todos os elementos do espaço.

Quando era criança, Fernando sempre pensava que os desenhos que ele via nas nuvens eram coisas de verdade. Muitas vezes tinha nomeado os dragões voadores com nomes estranhos e já perdera as contas de quantas vezes acordara assustado, depois de pesadelos com as horríveis criaturas das nuvens. Então, quando cresceu, descobriu que seus monstros eram apenas formações das nuvens e caprichos do vento, e que os habitantes do céu não passavam de aglomerações flutuantes de vapor.

O sol era realmente impressionante, com seus raios se misturando numa profusão de cores, tornando incomparável o espetáculo ofertado pela natureza, muito diferente dos de outros lugares que Fernando já tinha observado.

Era um lugar único, com histórias marcantes e momentos inesquecíveis de sua vida. Fernando olhava, mas tinha a impressão de que não estava vendo. Seus olhos enxergavam, através daquele rasgo avermelhado, uma estrada comprida e solitária, onde passou sua infância

e boa parte da adolescência, e agora se perguntava o que tinha sido importante, o que o tinha trazido até ali...

Perto da porta, deitado com jeito bem preguiçoso, estava o velho cachorro cor de capim seco. Tinha pelo amarelado e patas enormes. Leão era o seu nome. Uma mistura de vira-lata com perdigueiro, era companheiro para todos os momentos, sempre fazendo festa quando qualquer pessoa chegava para uma visita, e nem mesmo o leiteiro que fazia as entregas matinais se importava com a presença do famigerado animal.

De tão idoso, o cão não servia para mais nada, a não ser ficar por ali abanando o rabo e cheirando as pessoas. Os cachorros têm essa virtude de conhecer as pessoas pelo cheiro. Dessa vez, preferiu ficar ali quietinho, esperando, ao lado de Fernando. Deitado e silencioso, não sabia o que se passava, mas pressentia que coisas importantes estavam acontecendo.

Algumas galinhas passeavam pelo pequeno quintal, cacarejando e bicando os insetos. Galinhas de angola, com suas penas parecendo um vestido de chita, coalhadas de pintas pretas e brancas formando no corpo um mosaico de duas cores, ciscavam aos montes. Eram especialistas em matar insetos, e as cobras e lagartos não davam sopa onde existiam galinhas de angola.

Outras pequeninas, da raça garnisé, pareciam galinhas em miniatura e serviam apenas para enfeitar o quintal, com seus filhotes tão miúdos que se misturavam com as pedras maiores. Outra raça de galinha, do tipo caipira, com seus oito pintinhos, cuidava para que os filhotes não fossem devorados por predadores. Esses pequenos animais eram criados em casa para depois servirem de alimentação aos moradores.

Fazia parte da tradição daquelas pessoas criarem alguns animais domésticos para ajudar no sustento da família. Do outro lado do quintal havia uns porcos, quatro leitões que seguiam a mãe, fuçando aqui e ali à procura de alguma coisa para se alimentarem. Não que estivessem com fome, mas porcos são assim mesmo, chafurdam o tempo todo, mesmo que só para exercício de sua própria natureza.

Isabel acabara de passar o café e olhava para Fernando, estático ali no portal dos fundos, fitando o horizonte. Ela vivia ali desde

que Fernando tinha seis anos; e ela, dez. Veio morar com os pais de Fernando depois que sua avó faleceu. Não chegara a conhecer seus pais. Sua mãe foi embora quando ela era pequenina e nunca mais teve notícias dela. Não sabia nada sobre seu pai e nem sua avó falava sobre isso. Na certidão de nascimento constava apenas o nome da mãe e dos avós.

Ela tinha sido uma menina magrinha, com cabelos longos e meio encaracolados. Tinha um olhar tristonho, como se estivesse esperando uma bronca ou como alguém que se sente culpado o tempo todo. Esse jeitinho cabreiro tinha a ver com as repreensões constantes que recebia de sua avó, que provavelmente sentia desgosto por causa da filha ter abandonado a neta e descontava essa raiva na inocente criança.

Então, quando a avó da menina ficou doente, os pais de Fernando ajudaram a cuidar da velhinha, pois seus parentes moravam em outra cidade e não podiam prestar-lhe assistência. Antes de falecer, a avó de Isabel pediu a Helena, mãe de Fernando, que cuidasse da menina.

Quando criança e também na adolescência, Isabel não recebia salário, sentindo-se parte da família. Usava as roupas que Helena comprava e, com o passar do tempo, passou a comprar suas próprias coisas com o dinheiro que ganhava fazendo pequenos serviços, como limpeza de casas na vizinhança. Agora, com trinta e oito anos, tinha maturidade suficiente para entender que Fernando estava muito angustiado, pressentia que algo importante se passava em sua cabeça.

Ele sempre fora muito atencioso, cumprimentava todos e tinha na ponta da língua uma palavra doce e carinhosa. Naquele final de tarde estava taciturno, envolto em uma névoa de pensamentos... Havia chegado a Pedra Azul seis meses antes, de forma inesperada, integrando-se à vida da cidade, e levava uma rotina normal.

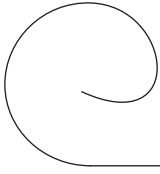
Não tinha falado nada quando passou em casa, mais cedo, para almoçar. Saiu e voltou, e agora, no seu semblante, dava para perceber uma grande preocupação. Será que algo no trabalho estava indo mal? Será que o compromisso de mais à noite trazia tantas recordações que ele estava tenso e ansioso?

Isabel não sabia responder.

Depois de tanto tempo, parecia o mesmo rapaz de vinte anos antes, que tinha saído de casa cheio de sonhos e vontade de vencer. Mas ela sentia que alguma coisa estava machucando seu coração e nada podia fazer. Ficou ali observando silenciosamente, sem saber o que dizer:

— Fernando, o café está quente. Nós temos um compromisso e não podemos chegar atrasados. Sua mãe já está pronta.

Nenhuma palavra. Fernando não estava ouvindo. Parecia imerso em um mar de pensamentos e flutuava pelos anos passados.



Capítulo 1

A campainha soou estridente avisando que a hora do recreio tinha chegado. Era o momento mais esperado pelos alunos da Escola Municipal Florêncio Teixeira, uma das várias escolas municipais de Pedra Azul. A escola ficava perto da praça principal, em um prédio de cor amarelada. Tinha um pátio enorme, cheio de frondosas árvores, onde as crianças corriam e jogavam bola na hora do recreio.

A merenda era servida no hall principal, uma espécie de varanda, onde as filas enormes pareciam não acabar mais. Os alunos se empurravam para os lados, testando os limites uns dos outros. Os menores deveriam ter a preferência, mas ali não existia o politicamente correto, já que naquele momento eles estavam cada um por si e ninguém por todos. Uma algazarra terrível, que só era controlada quando a fila diminuía e eles saíam para comer, cada um com seu prato de sopa transbordando.

A coordenadora do colégio, uma senhora avantajada e de feições bastante duras, era famosa por não tolerar indisciplina, e os alunos tinham muito medo dela, com sua cara de zangada. Ela trabalhava na escola fazia alguns anos e adorava supervisionar pessoalmente a distribuição da sopa aos alunos. Recebia muitas doações de pessoas da comunidade, controlava tudo em um caderno encardido e rabiscado, mas sabia detalhadamente quem contribuía e o que eles davam.

Quando encontrava os pais nas reuniões da escola, fazia questão de agradecer pessoalmente as doações recebidas. Ficava em pé junto às merendeiras, que serviam cada aluno, de olho para ver se alguém aprontava. A sopa que era servida na escola muitas vezes era a única refeição decente para a maioria daqueles alunos.

Fernando, então com dezesseis anos, nas vésperas de completar dezessete, era o aluno mais velho naquela fila. Por ter de ajudar a mãe a cuidar dos irmãos menores, ele estava atrasado em seus estudos. Cursava o último ano do ensino médio, faltando apenas um semestre para concluir o curso e prestar vestibular para entrar na faculdade. Para isso, teria de ir para outra cidade, Goiabeiras, ou talvez para a capital. Na fila da merenda, ele sempre colocava os irmãos menores na frente e, como era o maior de todos, não havia confusão com os garotos.

* * *

Fernando tomava conta dos irmãos desde pequeno. Aos dez anos já trabalhava, pois faltavam coisas em casa e ele ajudava nas despesas com o pouco que ganhava. Começou fazendo bicos na oficina mecânica do bairro, depois foi ser entregador de pães na padaria da rua principal, até que encontrou um trabalho de ajudante com o Seu Horácio, proprietário do Supermercado Cristal. Aquele, sim, era um bom emprego. Recebia por semana e ainda ganhava algumas coisas de presente.

Ronaldo, o irmão mais novo, nasceu com horas de atraso. A parteira disse que faltou sangue no cérebro dele e que por isso seria meio abobalhado. Era calado, sensitivo e muito inteligente. Com doze anos, estudava na sexta série, porém ainda tinha alguma dificuldade em leitura e interpretação de texto. Em casa, todos se preocupavam com ele, procurando não o desagradar, pois quando isso acontecia ficava dias emburrado pelos cantos.

Fernando procurava mimá-lo com pequenos presentes, uma bala de chocolate, uma guloseima, sempre que voltava do supermercado. Tinha uma espécie de caderninho onde Seu Horácio anotava essas pequenas saídas de mercadorias do seu ajudante, para descontar no final do mês. Acontece que ele nunca descontava esses valores, pois sabia que Fernando trabalhava muito e ganhava pouco.

Júnior, o irmão do meio, era o mais calmo e metódico deles e tratava as coisas do dia a dia com um detalhamento impressionante. Ele arrumava o quarto e ajudava nas tarefas domésticas. Com catorze anos, cursava a oitava série do primeiro grau, fazia os deveres da escola com

muito esmero e tirava as melhores notas. Era muito chegado ao pai e sempre que podia estava com ele, ouvindo suas histórias e contando alguma coisa do colégio. Na escola, sua ascendência sobre os colegas era visível e as respostas dadas às perguntas da professora guardavam correta coerência com o tema analisado.

A mãe, Helena, lavava e passava para fora. Ela vinha de uma família pobre, porém bastante unida. Os pais queriam que ela e as irmãs mais jovens estudassem e tivessem carreira de enfermeira ou de professora. Mas nenhuma conseguiu realizar o sonho. Logo veio uma doença e o pai de Helena faleceu. Foi um baque para elas, desestruturando a vida que tinham, e as meninas foram se casando e formando suas próprias famílias.

Helena incentivava os filhos a estudar e aprender uma profissão: carpinteiro, vendedor, coisas que “dessem dinheiro”. Seu marido, Manoel, não tinha profissão definida, fazia um bico aqui, outro ali e nada era muito sustentável. Fernando pensava que um dia poderia ter o seu próprio mercadinho na cidade, atender os fregueses à sua maneira e ser alguém tão importante como ele imaginava ser o seu patrão.

Todas as pessoas do bairro o conheciam e, além do seu pequeno salário, levava algumas gorjetas para casa, o que melhorava o sustento da família.

* * *

Na fila da merenda, Fernando pensava que os amigos já deveriam estar esperando para a brincadeira de sempre no largo da igreja: uma partida de futebol no campinho de terra batida.

Terminada a aula, era aquela correria: levar os irmãos para casa e ainda encontrar os amigos da rua para aquela esperada peladinha antes do almoço. Ali, sim, Fernando se divertia. A bola era meio murcha, desgastada pelo chão batido daquele terreno baldio que ficava ao lado da igreja, cuja missa a mãe frequentava aos domingos de manhã, levando toda a família.

